

RADIALISMO ESPORTIVO: ENTRE O LÚDICO E A INTOLERÂNCIA¹

Daniel Gomes do Nascimento de Araújo, Clodoaldo Meneguello Cardoso. – Comunicação - Departamento de Ciências Humanas – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Campus de Bauru.

A pesquisa em curso *Radialismo esportivo entre o lúdico e a intolerância* propõe-se explicitar e caracterizar a estrutura de determinados discursos esportivos de caráter intolerante e preconceituoso, enunciados nas transmissões de jogos de futebol em algumas rádios paulistanas. Tais discursos, comuns na cultura futebolística brasileira, consideram as falhas circunstanciais cometidas por atletas e treinadores nos jogos como indícios de incapacidade natural para a prática do futebol. Essas enunciações ocorrem de forma sutil no interior dos comentários lúdicos das transmissões e atribuem estigmas negativos a jogadores e técnicos, e também aos árbitros de futebol.

Os conceitos teóricos para desenvolver a pesquisa foram catalogados de 23 livros que versam sobre linguagem, discurso e ideologia, comunicação esportiva, comunicação de massa, características do rádio, intolerância, preconceito, racismo e ética na comunicação. Tendo-os por base, a segunda etapa da pesquisa, a ser concluída em fevereiro de 2007, vai analisar as gravações de jogos das quatro equipes com maior quantidade de torcida no estado de São Paulo (Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos) e os programas sobre futebol veiculados na rádio Bandeirantes no decorrer do Campeonato Paulista de futebol de 2006. Foram selecionados 405 trechos de fala pertinentes ao estudo, contidos em nove edições de programas esportivos (oito edições da rádio Bandeirantes e uma da rádio Jovem Pan) e dezoito partidas de futebol, todas irradiadas por cronistas esportivos da rádio Bandeirantes.

No âmbito do estudo, o conceito de intolerância trabalhado alinha-se às concepções teóricas de Ítalo Mereu e Norberto Bobbio. A intolerância, segundo Mereu (1997), reside na certeza de possuir a verdade absoluta e no dever e direito de propagá-la. De acordo com Bobbio (2000), ela emerge contra o outro quando se considera que o mesmo não atendeu às expectativas nele depositadas. O primeiro indício de intolerância é o ódio, externado através da perseguição, exclusão e proibição. Os cronistas esportivos praticam discursos intolerantes, mas não há evidências que sejam sujeitos sociais intolerantes. Na condição de comunicadores sociais, eles não apresentam comportamento odioso contra os atletas. A intolerância que manifestam ocorre apenas pela vertente discursiva, e não é, necessariamente, extensiva aos demais momentos de interação social com grupos diversos.

Na medida em que decepcionam as expectativas inicialmente depositadas sobre eles, os agentes esportivos se tornam vítimas de estereótipos, conjuntos de idéias fixas e generalizações superficiais, atribuídas por torcedores e cronistas esportivos. Os estereótipos se transformam em estigmas, marcas personalizadas nos seres humanos, que podem ser negativos ou positivos, sendo que para os comportamentais, os negativos são mais recorrentes. Na maioria das vezes, os estereótipos negativos conduzem à discriminação, uma diferenciação injusta e ilegítima entre os seres humanos. Estereótipos, estigmas e discriminação são os alicerces de práticas preconceituosas.

Norberto Bobbio acredita que o preconceito é um fenômeno social, manifesto por um conjunto de opiniões, individuais ou doutrinárias, que são utilizadas e acolhidas de maneira passiva e acrítica pela tradição, pelo costume ou em função de uma autoridade que ordena e não sofre questionamento. O acolhimento de uma atitude preconceituosa depende da intensidade da crença em uma opinião falsa que atenda os anseios, paixões e interesses individuais. “*Por trás da força da convicção com que acreditamos naquilo que o preconceito nos faz acreditar está uma razão prática, uma predisposição a acreditar na opinião que o preconceito transmite*” (BOBBIO, 2000, p.104). Portanto, embora o uso do teor preconceituoso se dê de forma acrítica, a aceitação do preconceito proposto atende a interesses individuais ou coletivos. Nesse sentido, os comentários intolerantes e preconceituosos dos cronistas esportivos são aceitos, pois há quem os referende na cultura futebolística brasileira. O comentário de revolta ou ironia propagado pelo cronista, atende aos anseios do torcedor que não se conforma com os erros circunstanciais cometidos pelos agentes do futebol, especialmente, se ocorrem com frequência.

Uma modalidade da manifestação preconceituosa é o racismo, entendido como escala de superioridade entre grupos raciais. De acordo com Bobbio, o racismo é uma atitude de desconfiança para com outro, especialmente, se outro interfere na vida do praticante racista. Bobbio destaca que a

¹ Bolsa FAPESP

prática começa pelo escárnio verbal e em um estágio mais agudo pode redundar em agressão ou extermínio da raça dita “inferior”. Nos discursos analisados na pesquisa, não foram encontrados indícios de racismo cometidos pela crônica esportiva, uma vez que não há ódio em relação aos agentes esportivos, mas uma tendência a não tolerar as falhas cometidas. Além disso, as críticas a atletas, técnicos e árbitros não se sustentam a partir de uma possível incapacidade motivada por identidade racial. No entanto, não se descarta que haja racismo no futebol brasileiro, e nos dias atuais, a forma mais evidente de manifestação se dá através do escárnio verbal sutil, através de apelidos profissionais a alguns atletas, como por exemplo, o jogador *Grafite*, atleta da cor negra. Portanto, existem práticas de racismo no futebol brasileiro, mas isso não está presente no discurso da crônica esportiva.

Conforme os apontamentos prévios da pesquisa, a prática intolerante da crônica esportiva está alicerçada em dois tipos de manifestação preconceituosa: o estigma a jogadores experientes que não colecionam bons resultados no decorrer da carreira, e a intolerância aos eventuais erros cometidos pelos atletas que iniciam atividades no futebol. A primeira concepção encontra raízes na cultura futebolística, que avalia a existência de agentes esportivos de diversos níveis, sendo alguns deles incapazes de pertencer ao universo do futebol dado à falta de qualidade “natural” para a prática do esporte. A outra manifestação de intolerância tem motivações no atual panorama esportivo brasileiro: com os melhores jogadores nacionais em equipes do exterior, os clubes brasileiros recorrem aos atletas jovens com mais frequência do que o faziam em décadas anteriores. A crônica esportiva, ao mesmo tempo em que exige dos atletas iniciantes a mesma maturidade e poder de decisão de jogadores experientes, idolatra os jogadores do passado e relativiza o talento dos jogadores que atuam no Brasil.

A perseguição da crônica esportiva começa pelos jogadores que não apresentam bom desempenho, passa pelas falhas dos árbitros, e em última escala se volta contra técnicos e dirigentes dos clubes, os responsáveis pela manutenção dos “maus jogadores na equipe”. Conforme aponta Mauro Betti (1997), em um primeiro momento os cronistas esportivos fornecem promessas e esperanças aos torcedores, pela ênfase do talento aos novos jogadores e contratação de atletas consagrados. Com os maus resultados do campeonato, se inicia a caça e a estigmatização dos culpados pela frustração das expectativas iniciais. Gradualmente as críticas se estendem aos técnicos e dirigentes, e ao fim da disputa é dado menos destaque ao time vencedor e mais ênfase no fracasso dos aos clubes derrotados.

Para a análise do discurso e linguagem da crônica esportiva, a pesquisa se vale dos estudos de José Luis Fiorin e Dominique Maingueneau, os quais avaliam a atitude discursiva como um processo de construção coletiva de sentidos. Desse modo, não é o cronista esportivo o único responsável pelo comentário intolerante que pratica, já que o torcedor também o faz, mas as opiniões veiculadas em um meio de comunicação como o rádio, têm maior impacto que um comentário interpessoal.

Maingueneau (1997) concebe a linguagem como instrumento construtor e modificador das relações entre os interlocutores, seus enunciados e referentes. Por essa mesma vertente, Fiorin (1988) aponta que os indivíduos não são os responsáveis pela discursivização, mas apenas falam e pensam o que é imposto pelas classes sociais, as quais estão alicerçadas em uma formação ideológica, expressa por um conjunto de temas e figuras, elaboradores de discursos e categorizador de os conteúdos. Nesse sentido, o discurso proclamado é uma manifestação inconsciente das concepções do grupo social a que o enunciador pertence. A aparente individualidade discursiva ocorre no plano de expressão, já as formas de dizer o discurso são aprendidas e, estão de acordo com as tradições culturais. Para Orlandi (2003), não há formação discursiva única, mas várias que se organizam a partir de uma dominante.

A eficácia de um discurso está atrelada à capacidade do enunciador de trabalhar com o imaginário do enunciatário para que ele creia no que é exposto. Além de conter uma boa linha argumentativa, a persuasão discursiva necessita de uma “voz”, capaz de modular o que é dito e o tom com que é dito. O ato discursivo persuasivo só é possível a partir do instante que o enunciatário reconhece a legitimidade do enunciador. O sucesso do discurso depende de como o enunciador conseguirá cativar o enunciatário, ou seja, a maneira pela qual a “voz” discursiva se mostrará atraente e respeitável aos sujeitos a quem a mensagem se destina.

Segundo Feijó (1994), os receptores da mensagem esportiva radiofônica se identificam com o que ouvem e aceitam a interpretação do que é exposto como se fosse a mesma que teriam para a situação descrita. O rádio, da mesma forma que a TV, mantém o espectador distante do palco do jogo, e o transforma em participante dependente, orientado pelos mediadores (repórteres, comentaristas e locutor), que se tornam os detentores da verdade absoluta por meio de uma “voz mediadora, tradutora

de uma narrativa fantasiosa, hiperbólica, emotiva e, muitas vezes, poética, soa como um canto de sereia, enganadora, mas atraente, porque fala o que o receptor realmente gostaria de ouvir". A narrativa emanada nesse contexto é "portadora de significados lingüísticos expressivos, que o receptor ouve e reproduz a posteriori, presentificando estes significados, isto é, reproduzindo-os, no vocabulário ativo do seu grupo de equivalentes" (FEIJÓ, 1994, p. 30).

Entre os instrumentos da manifestação lingüística dos cronistas para estabelecer uma relação empática com o ouvinte estão: a mudança na inflexão do falar, a impostação da voz, afetação da pronúncia e a adoção de expressões engraçadas e redundantes que recriam o momento da partida com entusiasmo e multiplicação das emoções. Esses aspectos são traços do discurso lúdico, entendido por Orlandi como o de polissemia aberta, referente presente, e interlocutores expostos a essa presença. Nele, não há a tentativa de persuadir o interlocutor, bem como não se busca regular os sentidos dos discursos, que podem ser vários dependendo da interpretação que vai ser feita. Embora polissêmico, o discurso sugere uma interpretação pelo contexto em que é realizado.

A vertente lúdica dos discursos esportivos radiofônicos funciona como pano de fundo e/ou parceira dos discursos de intolerância veiculados pelos cronistas. Envolto no contexto lúdico da linguagem esportiva, o cronista, por vezes, utiliza-se de ironias, metáforas e brincadeiras para qualificar como incapaz ao ambiente futebolístico alguns jogadores, técnicos e árbitros. Esse tipo de comentário é autorizado pelo ouvinte e, muitas vezes, acatado como expressão da verdade dos fatos.

A credibilidade que o ouvinte fornece ao cronista esportivo pode ser explicada pela tradição adquirida pela crônica no decorrer dos anos. A cobertura dos jogos, que inicialmente se limitava a informar os resultados na década de 20, se estendeu às transmissões diretas nos estádios a partir da década de 30, e na década de 80 se tornou mais abrangente por meio dos programas anteriores e posteriores aos jogos. Segundo Edileuza Soares (1994), os programas fixos sobre futebol no rádio são veiculados em horários estratégicos (período do almoço e retorno do trabalho), o que garante a fidelidade do ouvinte também às jornadas esportivas no fim de semana quando todos os assuntos giram em torno dos jogos desde as primeiras horas da manhã até o término dos programas pós-jogos.

A exposição maciça do ouvinte de rádio aos comentários e a credibilidade do cronista esportivo não são por si só uma garantia de que o ouvinte-torcedor aceite a idéia proposta por um cronista esportivo. Entre a persuasão desejada pelo enunciador e a alcançada diante do enunciário há peculiaridades comunicativas que fogem dos domínios intencionais dos meios de comunicação.

De acordo com a hipótese do *Agenda setting*, a compreensão das pessoas acerca da realidade social é modificada pela mídia. As pessoas incluem ou excluem conteúdos de debates públicos, conforme a mídia também o faz. Nesse sentido, os meios de comunicação não têm poder de influir na maneira pela qual a sociedade pensa determinados temas, mas apresentam a capacidade de agendar esses assuntos nos debates e conversas do público. A intensidade da interferência da agenda midiática na agenda pessoal varia em cada destinatário: *"quanto menor a experiência direta que tem a pessoa sobre uma determinada área temática, mais dependerá da mídia para obter as informações e os marcos de interpretação correspondentes a essa área"* (ZUCKER apud WOLF, 1991, p. 175).

Os meios também não descartam o conhecimento do público para pautarem suas atividades e sempre procuram atender aos anseios da audiência ao tratar de assuntos sob enfoques que a agrada. Pela hipótese do *Agenda Setting*, é possível supor que o cronista esportivo não comunica só aquilo que julga ser verdadeiro, mas também busca atender os anseios, desejos e opiniões do receptor. O ouvinte de rádio, nessa perspectiva, não é receptor passivo, mas que debate, ora acatando, ora contestando, os conteúdos e opiniões propostos pela crônica esportiva. Segundo Beltrão e Quirino (1986), mesmo que a audiência midiática seja dispersa, heterogênea, e por vezes, idealizada pelo enunciador, ela reage à mensagem seja para ignorá-la, rejeitá-la ou atacá-la.

Por fim, em determinadas situações, a crônica esportiva pratica discursos intolerantes em simbiose com discursos lúdicos. Essas manifestações não são motivadas apenas pelos anseios e posicionamentos do cronista esportivo, mas se inserem no repertório discursivo presente na cultura futebolística brasileira. O discurso intolerante da crônica esportiva radiofônica não é de vertente racista, e está direcionado principalmente a árbitros, dirigentes, treinadores e jogadores de futebol, sendo que para estes últimos, a maior incidência ocorre quando são iniciantes na carreira, ou possuem uma experiência nos gramados que não foi revertida em títulos durante a carreira.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, L; QUIRINO, N.O. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. 2º ed. São Paulo: Summus, 1986.

BETTI, Mauro. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras do futebol espetáculo**. Ijuí - SC: Unijuí, 1997.

BOBBIO, N. **Elogio da serenidade e outros escritos morais**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo/ Paulo Vinicius Coelho**. São Paulo: Contexto, 2003.

DUCROCQ, F.B. (org). **A intolerância: foro internacional sobre a intolerância**, Unesco, 27 de março de 1997, La Sourbonne, 28 de março de 1997/ trad. Eloá Jacobina Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FEIJÓ, L.C.S. **A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FIORIN, J.L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

HOHLFELDT, A; MARTINO, L.C; FRANÇA, V.V (org). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MAINGUINEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução: Freda Indursky; Campinas: Pontes – Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3º ed, 1997.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**; Campinas. Pontes, 5º ed, 2003.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 4º ed. São Paulo: Summus, 1995.

RAQUEL, PAIVA (org). **Ética, cidadania e Imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SANTOS, J.R. dos. **O que é racismo?**. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

WOLF, Mauro. **La investigacion de la comunicacion de mass – critica y perspectivas**. 2º ed. Ediciones Paidós: Barcelona, 1991.